

Relatório de Estágio

6º ano do Curso de Arquitectura
da Faculdade de Arquitectura de Lisboa

1 de Novembro 1997 - 31 Março 1998



centro
de
documentação

RE (ARQ)
86

RECARGA - 86

Relatório de Estágio

6º ano do Curso de Arquitectura
da Faculdade de Arquitectura de Lisboa

1 de Novembro 1997 - 31 Março 1998

TIAGO NUNO NOBRE SOARES PINTO DAS NEVES
Tiago Nuno Nobre Soares Pinto das Neves



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012053

FACULDADE DE ARQUITECTURA
06409
(Centro de Documentação)

Sumário

Capítulo I

2 Introdução

Capítulo II

4 Apresentação

6 Apresentação

7 Caracterização e Análise

Quadrilátero e Q.N.R. em Campo

8 Problemas relativos a Problemas locais? (O Campo da Arquitectura)

Relatório de Estágio

12 Trabalho de Apresentação / Conclusão

6º ano do Curso de Arquitectura
da Faculdade de Arquitectura de Lisboa

Capítulo III

14 Conclusão

1 de Novembro 1997 - 31 Março 1998

DADOS TÉCNICOS

Orientador: Arqº Pedro Rodrigues
Local: PR - Arquitectura Global
Rua da Fé, 23 - 3º - 1150 Lisboa

Sumário

Capítulo I

2 Introdução

Capítulo II

4 Arquitectura

6 Arquitecto

7 Contemporaneidade e Autenticidade

Quartel para a G.N.R. em Caneças

8 Problemas maiores e Problemas menores? (O Campo da Arquitectura)

Remodelação de uma pequena zona num Lar para Idosos, em Lisboa

12 Liberdades: Arquitecto / Cliente

Estudo prévio para uma Moradia Unifamiliar, em Arganil

Capítulo III

15 Conclusões

17 Bibliografia

Capítulo I

Introdução

Pouco depois da acostagem do barco na margem de Lisboa, uma enchente de pessoas se precipita, invariavelmente, na direcção do Terreiro do Paço. Gosto de ficar à janela até ao fim, saindo depois quando tudo parece mais calmo. Não deve haver maneira mais sedutora de entrar em Lisboa, por aquela que sempre foi a verdadeira porta da cidade, onde a cidade se dá ao Rio.

Nos vinte minutos a pé que me separam do Atelier percorro o meio onde iniciei o meu curso de Arquitectura. A Baixa. O Chiado. (Voltar às origens?)

Depois de subir a inclinada Rua da Fé, continuando ainda pelos inclinados degraus de madeira (que foram agora, infelizmente, substituídos por uns em mármore, que alguém achou mais dignos), chega-se a umas águas-furtadas no tecto de Lisboa.

Daqui do alto percebem-se melhor as coisas que se passam na cidade. Não só olhando para fora mas principalmente para dentro, para o que aqui se pensa e discute. Para as ideias que vão ganhando forma e para as respostas que se vão construindo.

O Estágio em que consiste o último ano do Curso de Arquitectura é acima de tudo uma oportunidade de nos debruçarmos numa janela sobre a cidade da Arquitectura. Uma oportunidade de progressivamente nos irmos aproximando das suas realidades, explorando-a cada vez mais. Foi esse o objectivo do meu estágio, debruçar-me o mais profundamente sobre essa janela e procurar conhecer e aprender tudo o que estivesse ao meu alcance. Dissecar o quotidiano da actividade do Atelier, e compreender a arquitectura sobre outras perspectivas, relacionadas com um universo mais pragmático e complexo.

Este relatório pretende ser o testemunho de todo o processo desenvolvido ao longo dos 5 meses de estágio decorrido entre Novembro a Abril de 1998. Procurei expor paralelamente o percurso das obras que acompanhei com as ideias e reflexões que acompanhavam cada fase desses trabalhos, procurando tornar mais claro o meu processo de aprendizagem. Concluir cada etapa com o que de mais importante delas pude extrair, agora que já existe alguma distância desse período de estágio. Reflectir "à posteriori" sobre aquilo que se fez e pensou, com a

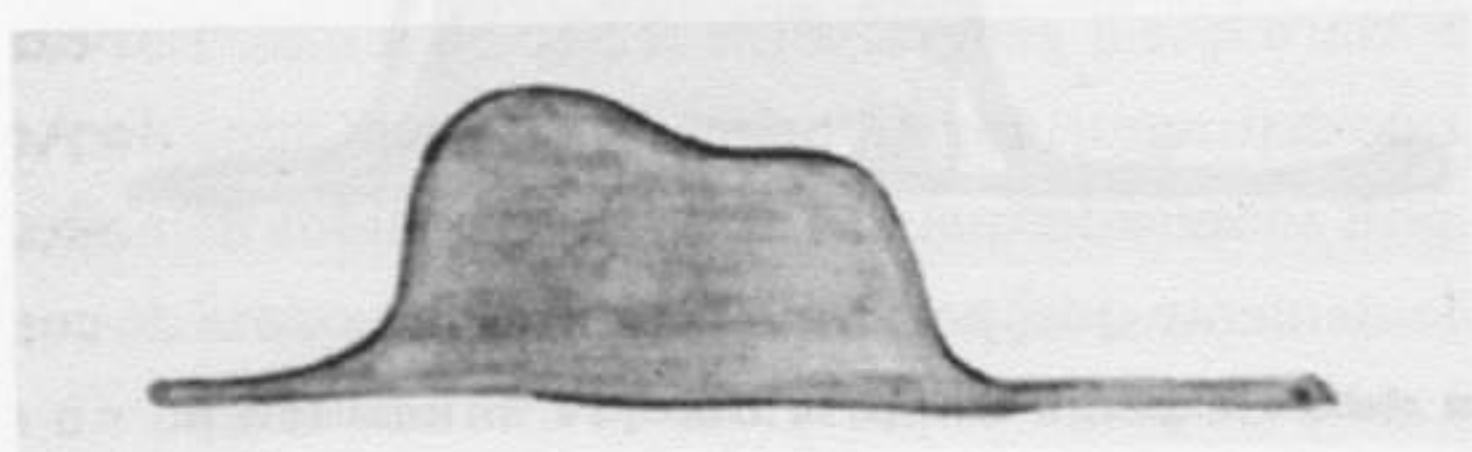
grande vantagem dessa distância — O Tempo — que passou. São dois processos diferentes sobrepostos, uma reflexão feita sobre outra reflexão.

O Percorso do trabalho desenvolvido durante o Estágio não foi linear e sequencial, nem julgo que esse seja o melhor processo, por poder restringir a nossa atenção num só tema ou trabalho desenvolvido no Atelier. Antes pelo contrário, o ritmo de trabalho imposto para uma melhor eficácia e rentabilidade do Atelier leva a que se salte de uns projectos para outros, que se trabalhe em dois ou três em simultâneo, ganhando cada um com as pesquisas dos outros. Voltam-se a encontrar os mesmos projectos de tempos a tempos, depois de pausas forçadas por necessidades “legislativas”, em que somos “avaliados” à luz de Normas e Regulamentos que se acredita poderem medir as qualidades do projecto. Voltamos à cabeça algumas ideias que deixámos pendentes e com elas refaz-se de novo o mesmo projecto, sempre dentro dos prazos que sempre se tem que cumprir.

No segundo Capítulo deste trabalho procurarei expor partes dos trabalhos em que colaborei e que foram os objectos da minha formação. Apresento cada um deles em paralelo com um tema, que pode representar um conceito, uma reflexão ou parte de uma pesquisa relacionada com cada trabalho, procurando ilustrar mais nitidamente todo o processo criativo e o que o suporta.

Capítulo II

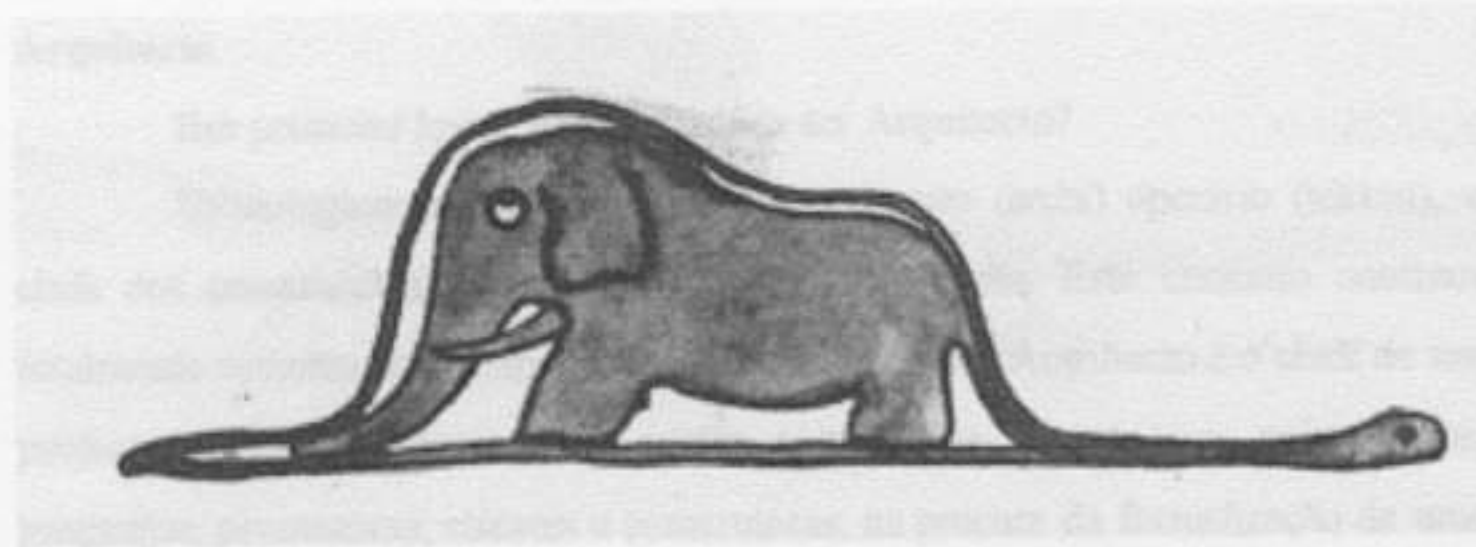
Arquitectura



Depois de ter lido um livro ilustrado sobre a floresta virgem, em que se descrevia como as Boas eram capazes de engolir as suas presas sem sequer as mastigar, em processos digestivos que poderiam chegar a durar seis meses, o menino Saint-Exupéry produz o seu desenho número um. Uma Boa que engoliu um elefante e o está a digerir. Ao perguntar às "pessoas grandes" se o desenho lhes metia medo estes responderam porque deveriam ter medo de um chapéu? Decepcionado por não o terem entendido o menino faz o seu segundo desenho em que a pele da serpente se torna transparente, mostrando o elefante no seu interior, a fim de tornar mais explícita a sua ideia. Resultado: Uma recomendação para que se esqueça das suas preocupações artísticas e que se dedique antes "à Geografia, à História, à Matemática e à Gramática."¹ Desanimado, decide desistir da sua magnífica carreira de pintor e opta por outra profissão em que pode continuar a ver a realidade à sua maneira e até afastar-se tanto dela quanto desejar: Aviador.

Apenas com o "espírito puro" do Princepezinho e a experiência das suas "explorações interplanetárias" é possível escapar à previsibilidade das nossas interpretações e conseguir desvendar o elefante que se esconde dentro da serpente, ou por exemplo, o dragão que habita a casa Batló, de Gaudi, em Barcelona e a Pomba branca que se deita sobre a Capela de Notre-Dame-du-Haut, em Ronchamp, de Le Corbusier

¹ EXUPERY, Ant. De saint - O Princepezinho



A Arquitectura tem a capacidade de Significar a paisagem, a cidade, ser algo mais do que a matéria dura, construída, que lhe dá forma. Saber ver a Arquitectura exige-nos perceber algo mais do que o "chapéu" aparente com que se assemelham as nossas obras. Exige-nos perceber que a obra do Arquitecto é fruto da sua actividade "inconsciente", e por isso dificilmente explicável em toda a sua plenitude. A Arquitectura deve ser entendida como uma materialização do processo criativo do Arquitecto e devemos procurar entendê-lo, "seguindo as pistas, esboços e articulações conexas, aproximações que testem a capacidade das obras abertas, a grandeza dos sinais postos à leitura".²

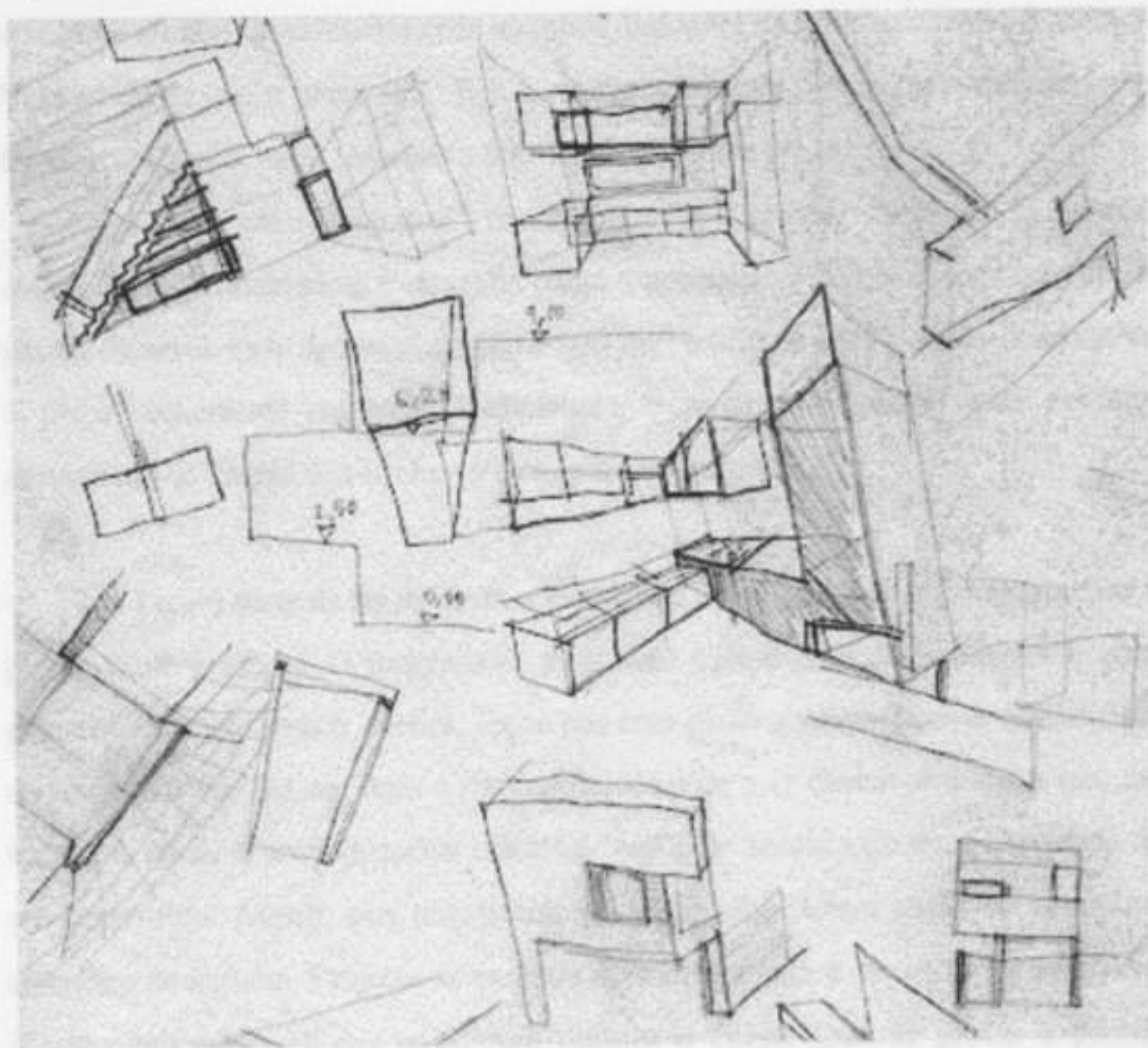
A Arquitectura nasce da relação entre o guião objectivo de compromissos programáticos, técnicos, geográficos e logísticos, que determinam grande parte deste processo, e o universo criativo do arquitecto, que trabalha envolto em grandes "nuvens de inconsciente", sempre inconstante e imprevisível. Como tal não podemos justificar as nossas opções e as nossas obras sem recorrermos a esse guião objectivo, pois como escreveu Manuel Graça Dias: "A subjectividade quando se explica perde densidade, parece um capricho. Os leitores que descubram. No meio da bruma da densidade há barcos para todos."

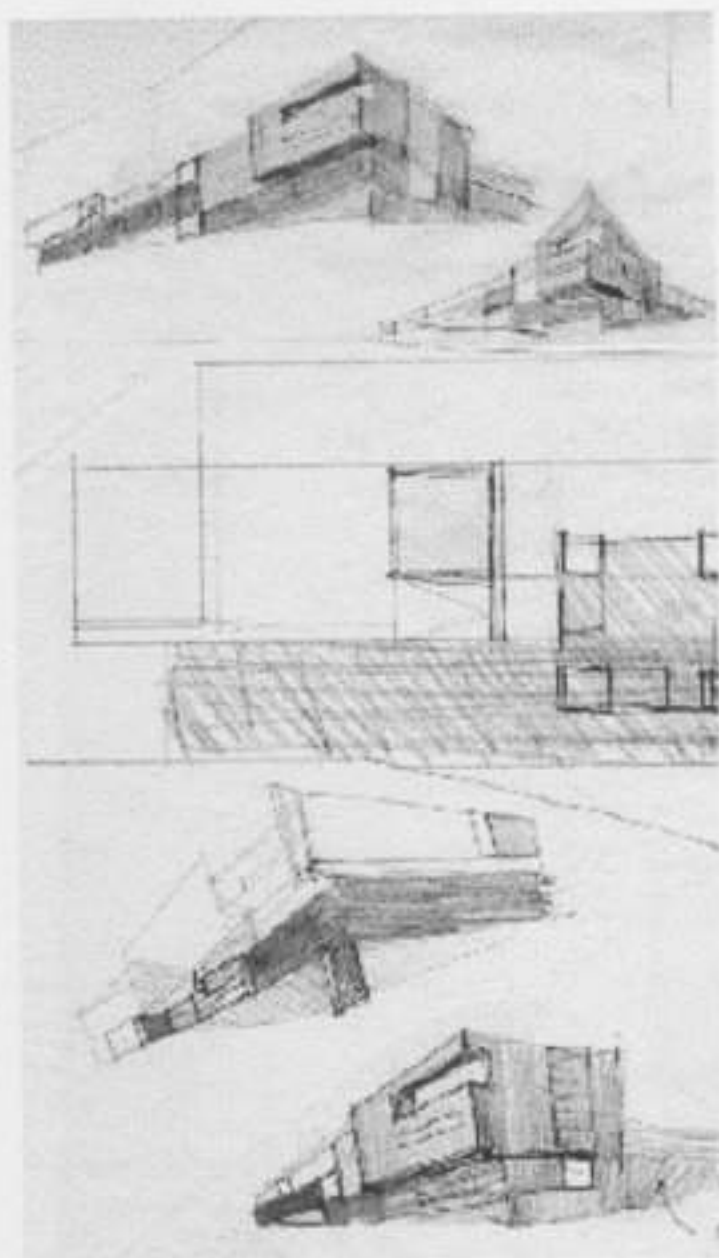
² GRAÇA DIAS, Manuel - AS + AS (Aspirina, Escultura e Construção), in Architecti 31

Arquitecto

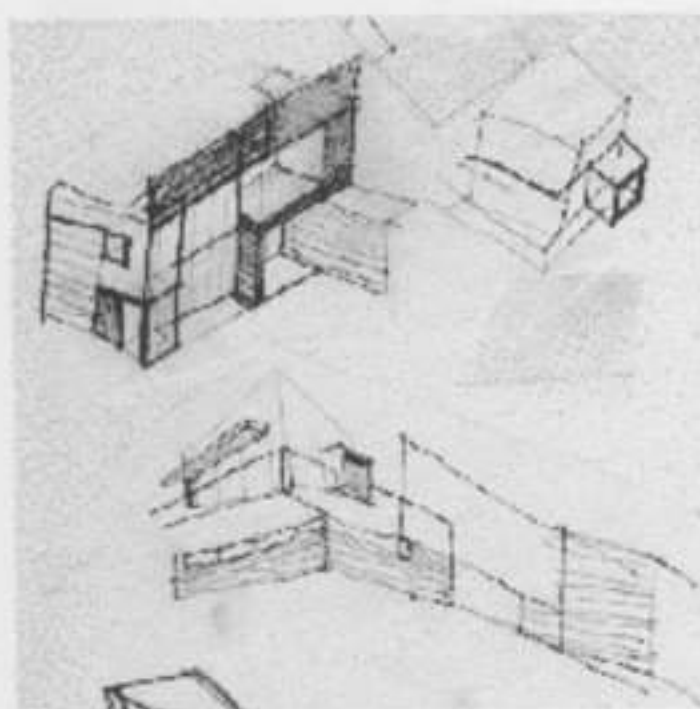
Em primeiro lugar, o que significa ser Arquitecto?

Etimologicamente, Arquitecto é o primeiro (archi) operário (tekton), o chefe dos construtores, aquele que dirige a construção. Este conceito continua totalmente coerente nos tempos actuais. Actualmente o Arquitecto é o chefe de um projecto global, coordenando as várias engenharias, sociologias, paisagismos, geografias, promotoras, clientes e construtoras, na procura da formalização de uma obra. Como centro de uma grande equipe, o Arquitecto tem de ser um bom negociador, um bom dirigente e um generalista. Compreender um pouco de todas as matérias que envolvem o projecto, utilizando todos os meios de que dispõe para perseguir a sua ideia, moldando-a habilmente entre todas as condicionantes impostas.





Quartel para a GNR, em Caneças



Quartel para a GNR, em Caneças

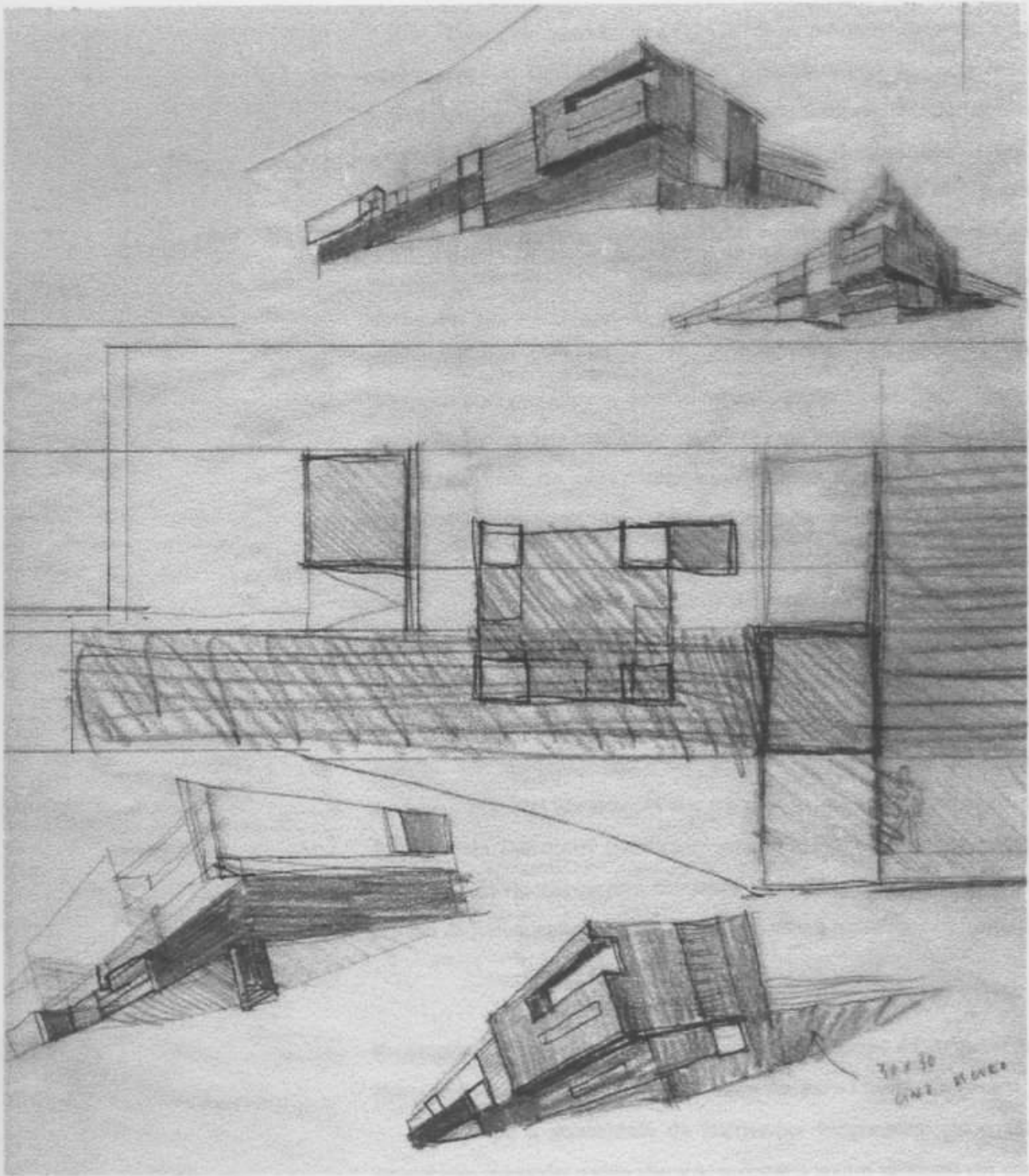
Contemporaneidade e Autenticidade

Quartel para a G.N.R. em Caneças

O terreno destinado à construção do Quartel para a G.N.R. situa-se na encosta de uma colina, à entrada de Caneças, numa zona periférica e ainda pouco urbanizada. O lote tem uma grande inclinação (cerca de 20%) e pertence a uma urbanização de moradias unifamiliares de 1 piso e alguns equipamentos que ainda não começaram a ser construídos. Numa zona sem referências fortes, à excepção da proximidade de um viaduto da C.R.E.L., a escassos 100 metros a Norte e um edifício dos C.T.T. sem grande interesse, a Este, justificava-se que o Edifício - Quartel - se tornasse ele próprio uma referência para o local, acentuando as diferenças de escala e de função-ocupação- que o distinguirão da envolvente futura. Situando-se ainda no limite da zona urbanizada, o Quartel procura articular as diferentes escalas de vivências com as quais dialogam cada uma das suas frentes: A Velocidade de quem passa na C.R.E.L., a Norte; o Vale e a aproximação ao meio Urbano, a Este; o meio Urbano, a Sul; as Moradias, a Oeste.

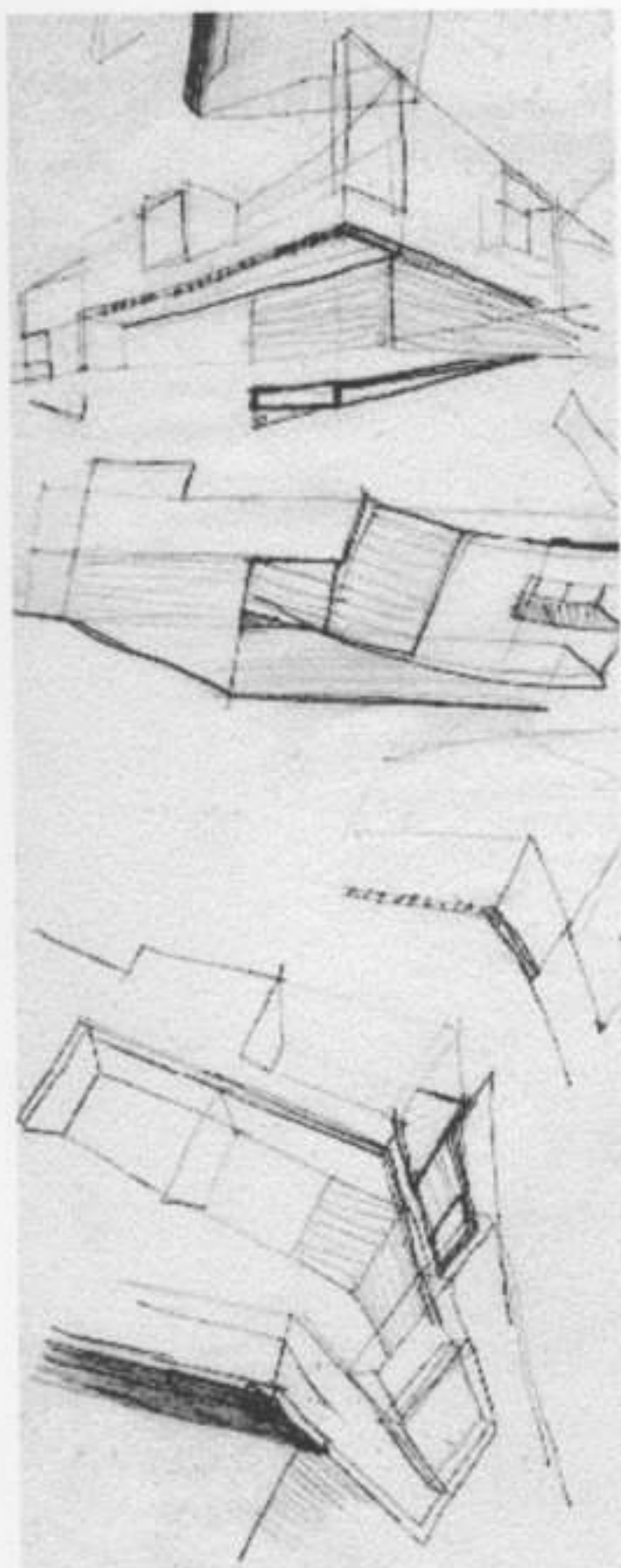
Com um programa necessariamente pouco flexível e outras condicionantes ainda mais fortes (tais como a necessidade de um espaço interior de parada de nível, com aproximadamente 300 m²; edifícios com a altura máxima de 2 pisos; coberturas em telha tradicional), o projecto definia-se a si próprio, alicerçando-se dentro dos limites a que se tinha obrigado.

Tive a sorte de ter iniciado o estágio ao mesmo tempo que se começou a pensar neste projecto. O processo de discussão e de debate de ideias foi o meu primeiro contacto com o Atelier, tendo por essa razão acompanhado a globalidade da sua evolução. Foi-me dada a responsabilidade de o ir desenvolvendo o que me fez sentir como o meu primeiro trabalho "real", no sentido de ter a finalidade de ser construído. Assim, pus nele o empenho que julgo terem todos os primeiros trabalhos de alguém. Projecta-se na ânsia de transpor para o papel todas as nossas ideias e imagens com que se sonhou durante o curso. Quer-se provar à partida tudo aquilo que se vale.

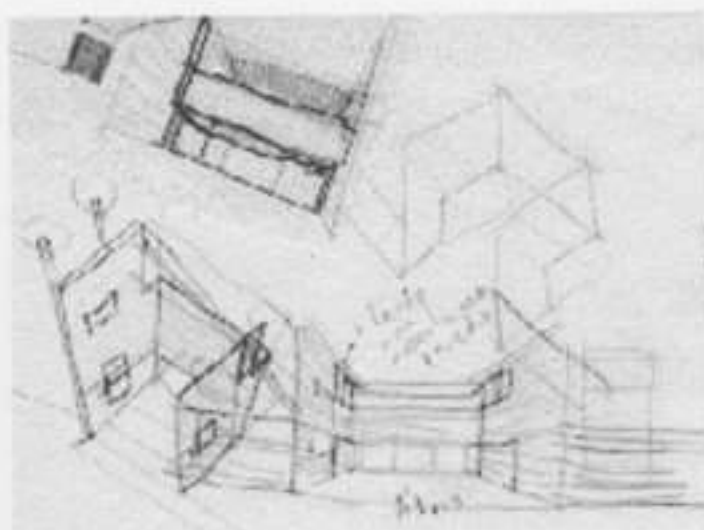


Este é o plano. Representa uma planta de um L-shaped building, que compreende duas
unidades distintas, mas unidas e com uma zona de distribuição.

Plano de planta de planta



Quartel para a GNR, em Caneças



Estudo do Átrio do Quartel

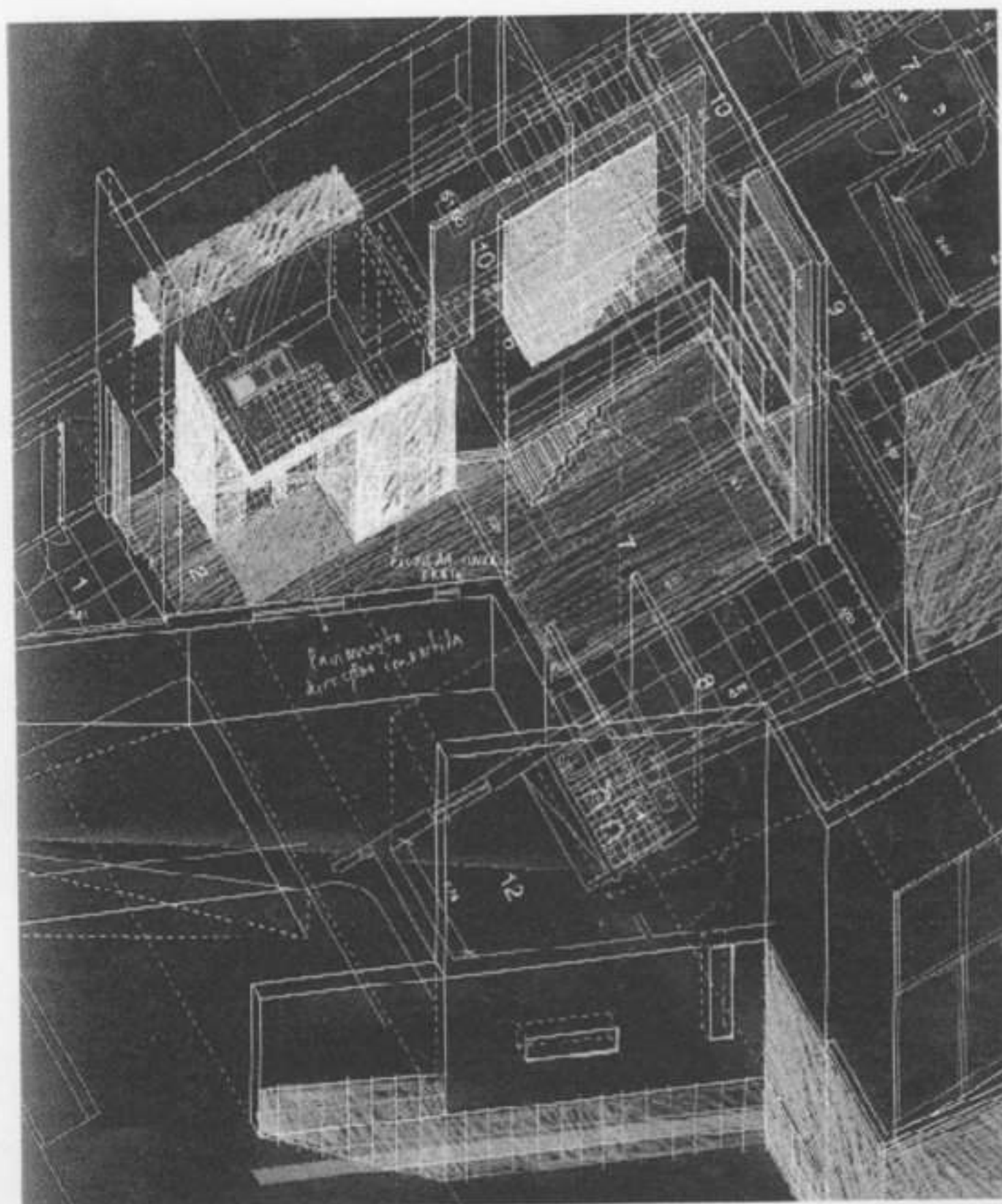
Talvez um quartel para a G.N.R. numa povoação da periferia de Lisboa, coberta com um telhado tradicional de telha de argila vermelha, não fosse o projecto ideal para quem, durante anos, sonhou fazer arquitectura "de vanguarda", que conhecia de viagens e revistas; experimentar técnicas construtivas e novos materiais que recorria nos projectos da faculdade, para os quais os orçamentos tudo permitiam. Raramente se vê aparecer numa revista de arquitectura um projecto de um edifício coberto com um telhado de telha vermelha. Penso não me enganar, ao afirmar que nas Faculdades de Arquitectura esse material "obsoleto" já não faz parte do catálogo dos estudantes. (Devia haver um exercício em que se obrigasse a incorporar num projecto um material específico, como um telhado, levando a uma nova atitude ou a uma redefinição em relação aos mesmos. Seria por certo objecto de uma boa discussão sobre o que é a modernidade.)

Esconder a cobertura, por detrás de platibandas um pouco mais elevadas, foi sendo a solução para o edifício não se afastar demasiado do tal limite entre o "moderno" e o "não-moderno". Outros projectos que se seguiram tiraram partido desta reflexão assumindo o telhado como um elemento que, ao invés de ser escondido, devia potencializar o conjunto, fazer parte do mesmo sistema. Talvez ser "moderno" pressuponha uma atitude que esteja mais de acordo com a segunda solução. Ser "moderno" não é ser "corbusiano" (no sentido de seguir os seus modelos), mas sim ser sensível aos fenómenos que vão surgindo na sociedade. Agir com ela. Dar novos significados ao que já existe. Reutilizar e Redefinir são talvez as palavras chaves para conquistar essa "modernidade" que é no fundo a procura da Autenticidade - sermos coerentes com a nossa época e história.

Problemas maiores e Problemas menores? (O Campo da Arquitectura)

Remodelação de uma pequena zona num lar para idosos, em Lisboa

Surgiu a necessidade de interromper temporariamente o projecto do quartel para responder a uma alteração necessária noutro processo em curso, já em fase de obra. Repensar uma zona de um Lar para idosos, que compreendia duas instalações sanitárias, uma cozinha e uma zona de distribuição.



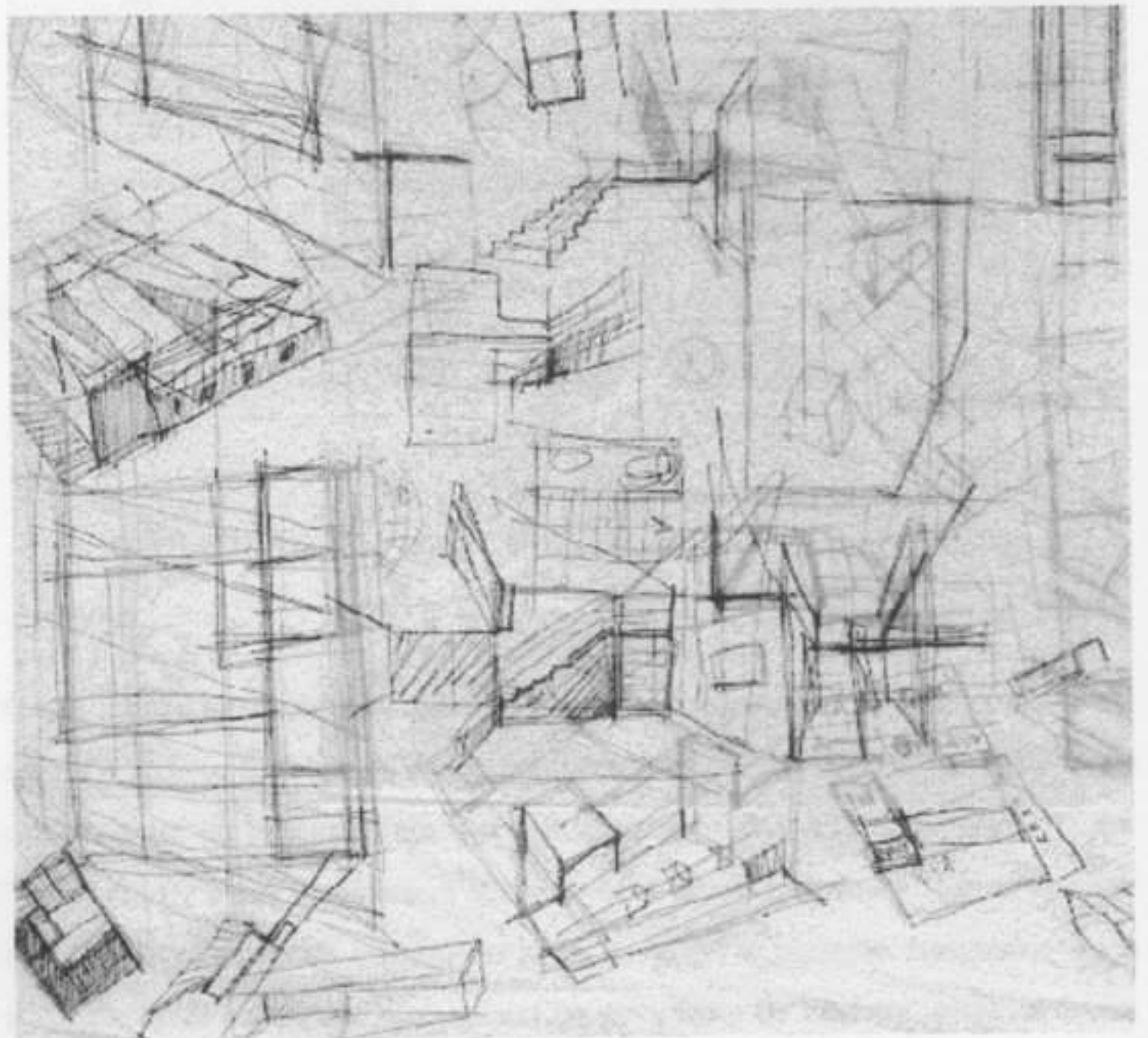
Estudo das Moradias do Comandante e Adjunto do Quartel da GNR de Caneças

À partida o trabalho não parecia ser muito estimulante. Já tudo estava praticamente definido, desde a organização dos espaços aos acabamentos e pormenores, que se pretendiam em conformidade com a globalidade do projecto. Nas casas de banho sabia-se já a regra de composição dos azulejos azuis e brancos (de baixo para cima: 1a; 3b; 1a; 4b; 1a; 2b), a pormenorização da bancada dos lavatórios, a cor do estuque da cozinha e das portas e a colocação dos tectos falsos.

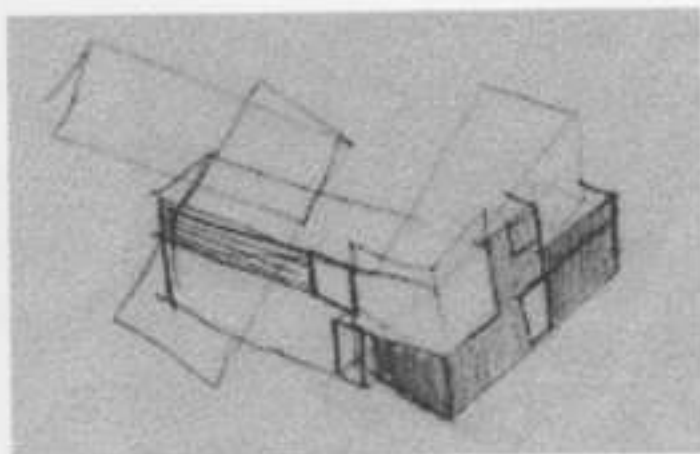
A princípio encarei o trabalho como algo a fazer rapidamente de modo a voltar ao trabalho interrompido, esse bem mais interessante. No meio de toda a definição que envolvia o projecto aquilo que me bastava fazer era aplicar a regra pré-estabelecida. Havia a porta da cozinha que era diferente de todas as outras e que devia servir de saída rápida em caso de emergência, pois essa divisão comunicava

com uma galeria exterior. Pensou-se que talvez a porta pudesse acrescentar algo de importante aquele espaço. Pensar a porta para além da sua funcionalidade. Estudar o seu relacionamento com o meio em que se movimenta, o modo como se movimenta e como descansa, encostada numa parede que também pode ser mais que uma parede.

O tempo que a princípio parecia muito para perder com tão desinteressante tarefa tornou-se pouco para um interessante desafio. A porta transformou-se em parte de um sistema de painéis que, através da acção de quem a quisesse transpor, se alterava segundo diferentes combinações, definindo limites articuláveis entre os dois espaços diferentes. Afinal uma porta é mais do que uma simples estrutura de madeira que roda em torno de um eixo vertical, encerrando ou não um espaço. Vendo bem, todos os elementos se podem transformar em algo que não pensámos antes. Qualquer "desinteressante" problema pode ser encarado de forma positiva, absorvendo a nossa capacidade para lhe conferirmos outras dimensões e potencialidades.



Estudos do Quartel de Caneças



Ideia Geral da Moradia Arganil

Liberdades: Arquitecto / Cliente

Estudo Prévio de uma moradia unifamiliar em Arganil

Uma casa para um homem que vive sozinho, mas com uma família numerosa que aos fins-de-semana e durante as férias o visita. Uma casa que custe apenas 14 mil contos e que ocupe uma área de implantação que não ultrapasse os 110 m².

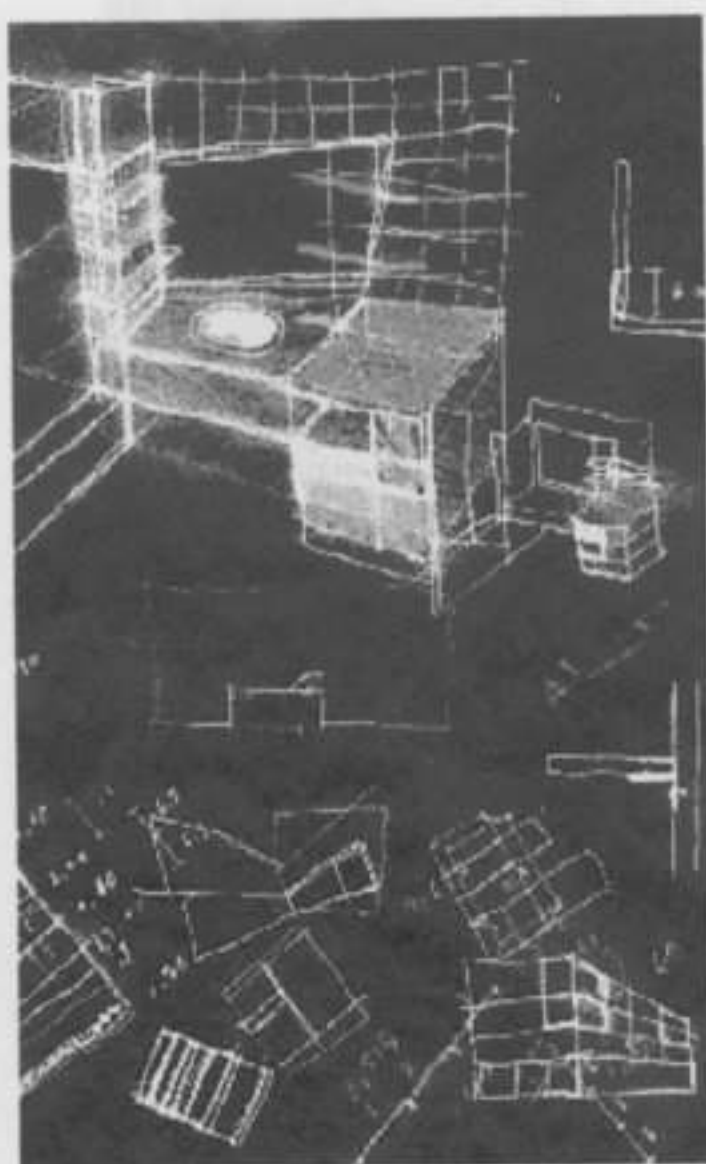
Um homem que nos pede uma casa que já conhece mas que ainda não existe. Tem um telhado "à antiga portuguesa" e várias varandas que se abrem sobre a rua.

Um projecto que começa como penso que começa qualquer um. Da conversa com o cliente surgem os pontos que motivam a nossa reflexão e que fazem de cada caso um exercício próprio e por isso sempre interessante. Nunca se desenha duas vezes a mesma casa, pois não existem clientes iguais, nem contextos iguais nem sequer nós próprios somos iguais em tempos diferentes.

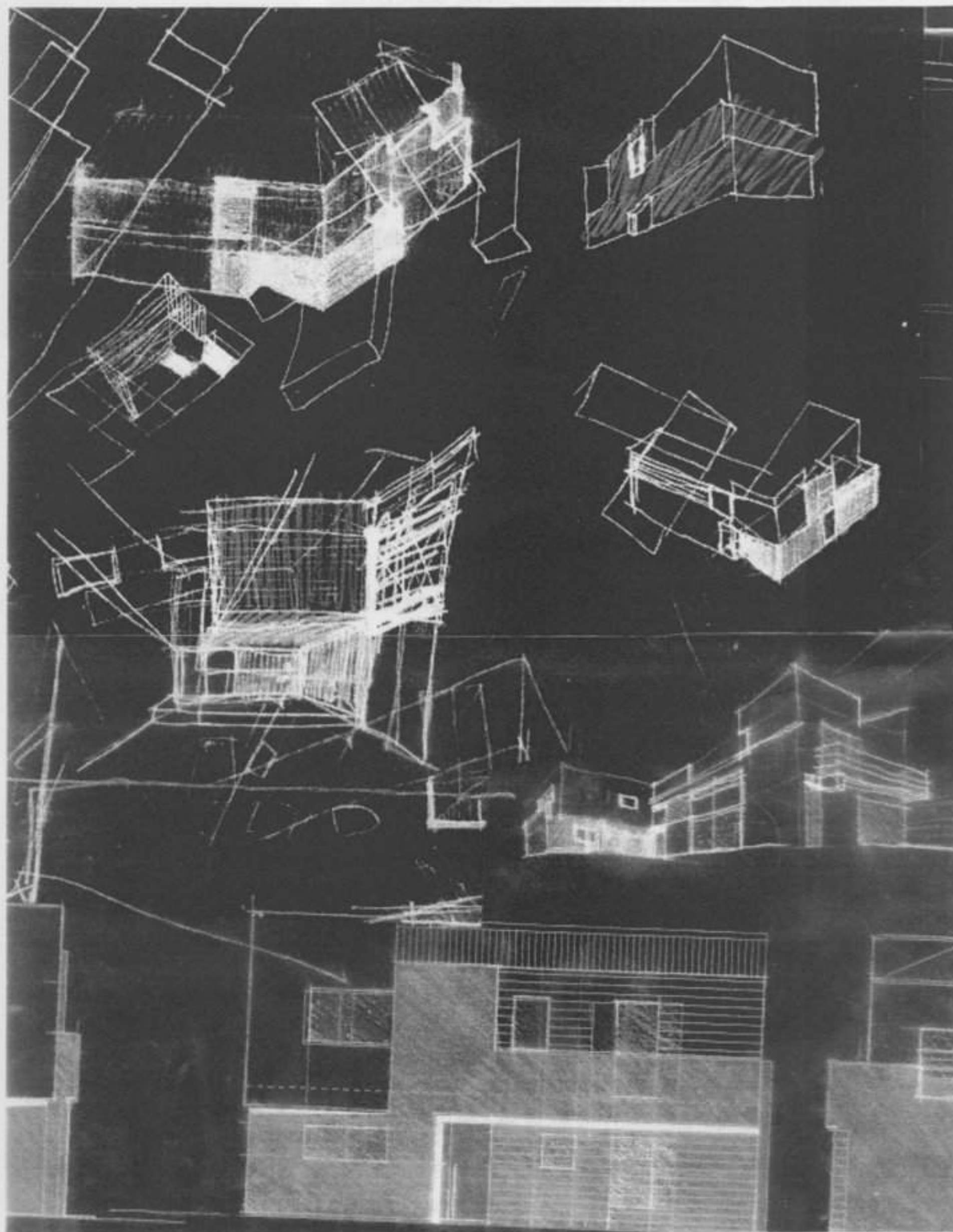
O projecto partiu da reflexão sobre como se organizaria a moradia para que pudesse "encolher" ou "aumentar" consoante a variação do número de pessoas que a habitassem. Uma "casa insuflável". De que modo traduzir essa ideia para a estrutura fixa de uma construção? Como pode a casa aumentar e diminuir os seus espaços habitáveis, sem aumentar a área de implantação?

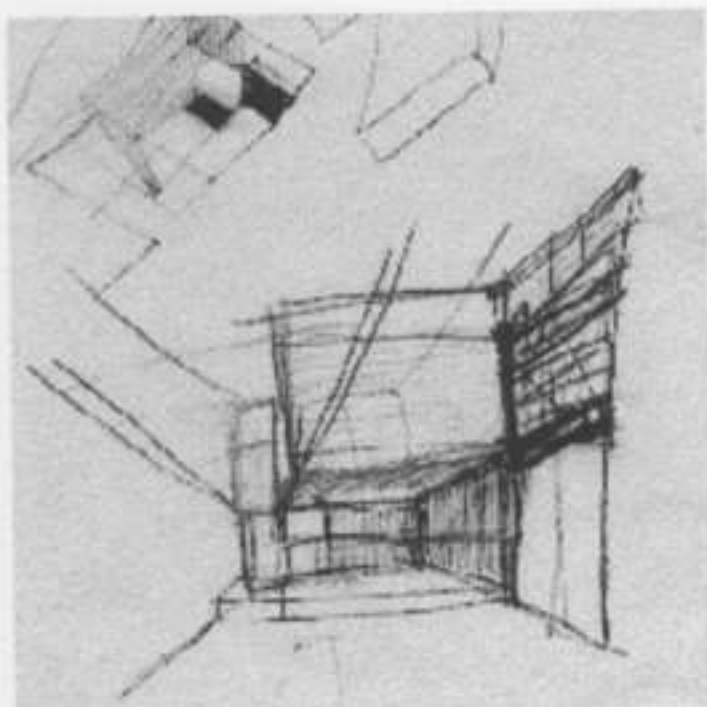
Da imagem de "casa insuflável" passámos para a ideia de uma casa dentro de outras "casas", um pouco à imagem das bonecas russas (Mandrioscas), em que se podia passar da mais pequena para a média, e dessa para a maior. A "caixa" mais pequena seria o universo particular do dono da casa, um núcleo de onde poderia gerir o conjunto e ser auto-suficiente dentro dele (quarto principal, sanitários, cozinha, sala de estar e distribuição). A "caixa" intermédia conteria outros pequenos universos privados, utilizados à medida das necessidades, mas dependentes do primeiro (3 quartos de visitas, sala de jantar, entrada das visitas). As fronteiras da segunda "caixa" teriam a possibilidade de serem transpostas, fazendo escoar o seu espaço para o interior da "caixa" maior, com ainda maior capacidade de albergar a família e os amigos (zona de refeições ao ar livre, esplanada, jardim e futura piscina).

A muito custo conseguimos convencer o arquitecto da Câmara de Arganil a abandonar a forma "hieroglífica" que o plano director tinha destinado para a moradia. Um plano à escala urbana, que dificilmente passa da escala 1/1000, não pode ambicionar definir mais do que tipologias de habitação, número de pisos,



Estudo de I.S. da Moradia Arganil





Estudo da Moradia Arganil

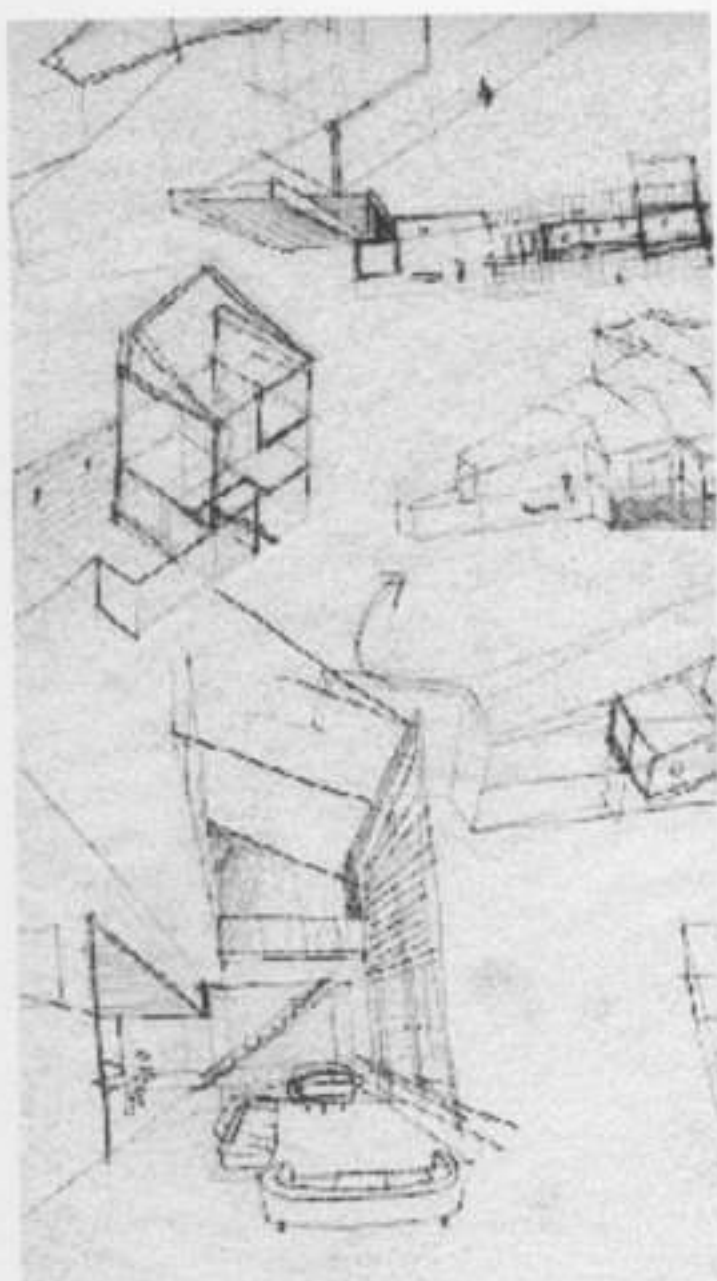
características gerais, de modo a fazer cumprir a estratégia do plano do desenho urbano. Isto é, do meu ponto de vista, uma atitude diferente da de procurar fixar definitivamente a forma da moradia, definindo a forma da sua implantação no lote de terreno. Os planos servem para "regulamentar" o desenho da cidade, ou da zona urbana, e não para projectar completamente todos os elementos que nele intervêm.

Outra reflexão importante que este trabalho me proporcionou surgiu a partir da nossa relação com o cliente. Neste processo existia um verdadeiro cliente, com vontades e gosto próprio, o que não acontecera anteriormente em nenhum dos outros trabalhos. Em cada um dos dois trabalhos anteriores o cliente era uma entidade, representada por pessoas "anónimas", privadas de sobrepor a sua vontade própria à vontade gerida pelo grupo, o que facilitava bastante as relações, baseadas apenas em interesses mais objectivos e previsíveis. No presente projecto tratava-se de compreender as necessidades funcionais que o cliente exigia, envolvidas em todo o universo do seu gosto subjectivo e das suas incertezas.

A moradia foi-se definindo entre a relação das ideias, por vezes opostas, de cada uma das partes que participavam do processo: a sua ideia de casa era a de uma casa tradicional, no sentido de utilizar os mesmos elementos das casas antigas daquela região, como os telhados com beirados à "antiga portuguesa". A nossa ideia era a de utilizar esses mesmos elementos e materiais tradicionais, mas de uma forma "não-tradicional", redefinindo os mesmos numa linguagem contemporânea. Pensámos o edifício como uma estrutura algo "introvertida", no sentido de viver do interior do lote, apenas buscando algumas referências na paisagem exterior.

A privacidade que quisemos conferir à terceira caixa (o terreno) e ao conjunto, opunha-se à imagem de casa virada ao exterior, com grandes janelas e varandas, comunicando com a rua, que o cliente desejava (apesar de viradas a Norte.)

Este "conflito" não é novo, e muito já se tem escrito sobre ele. Penso que qualquer arquitecto se deve confrontar seriamente com esta questão e definir a atitude que terá durante a sua carreira. Perguntam-nos se o arquitecto concebe a obra para o cliente ou para ele próprio. Se é o cliente que a vai habitar, e que paga a obra e o projecto, não terá o direito de fazer cumprir a sua vontade? Não acabará o arquitecto, que mantenha uma postura inflexível em relação à concepção da obra, por deixar de ter clientes, e assim por não ser capaz de subsistir na sua profissão?



Estudo da Moradia Arganil

Penso que a Arquitectura continua a ser uma Arte. E sendo uma Arte, o criador deve ter a liberdade necessária a desenvolver o seu trabalho com toda a sua potencialidade, sem restrições estéticas que a impeçam nessa atitude criativa. No caso específico desta Arte, fazemos as obras em função de um determinado cliente, fundamental para a definição das condições específicas que formam a base sobre a qual se inicia o nosso processo criativo. O papel do Arquitecto é compreender o modo de vida do cliente, as suas necessidades, o seu estilo de vida, e projectar a casa para "esse" cliente, uma obra única à imagem desse cliente único. Depois desse processo de conhecimento mútuo o Arquitecto deve ter a liberdade de criar a obra segundo os seus critérios próprios, sempre respeitando os compromissos assumidos com o cliente. O cliente deve confiar no Arquitecto que escolheu, e não amputar-lhe a liberdade criativa. O nosso papel como Arquitectos é o de educar a sociedade neste sentido. Mostrar que a arquitectura é mais do que apenas a imagem do que fica construído. A arquitectura é acima de tudo um processo criativo, uma resposta específica a um caso específico, e não o simples desenho das paredes de um edifício.

Afirmo tudo isto com a certeza de que apenas a muito custo se consegue manter esta postura, mas que só deste modo poderemos fazer Arquitectura, favorecendo não só o cliente mas a paisagem urbana e assim toda a sociedade.

Capítulo III

Conclusões

(1) A partir desta demonstração a seguir, com uma abordagem relativamente simples, mas profunda e abrangente, se estabelece a importância da participação da comunidade no processo de desenvolvimento urbano e social. Esta participação é essencial para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. O processo de desenvolvimento urbano e social é um processo contínuo e dinâmico, que exige a participação ativa da comunidade em todas as etapas do processo. A participação da comunidade é fundamental para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia.

Desde a sua origem, a participação da comunidade tem sido uma das principais formas de garantir a sustentabilidade dos projetos de desenvolvimento urbano e social. A participação da comunidade é essencial para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. O processo de desenvolvimento urbano e social é um processo contínuo e dinâmico, que exige a participação ativa da comunidade em todas as etapas do processo. A participação da comunidade é fundamental para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. A participação da comunidade é essencial para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. O processo de desenvolvimento urbano e social é um processo contínuo e dinâmico, que exige a participação ativa da comunidade em todas as etapas do processo. A participação da comunidade é fundamental para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia.

Desde a sua origem, a participação da comunidade tem sido uma das principais formas de garantir a sustentabilidade dos projetos de desenvolvimento urbano e social. A participação da comunidade é essencial para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. O processo de desenvolvimento urbano e social é um processo contínuo e dinâmico, que exige a participação ativa da comunidade em todas as etapas do processo. A participação da comunidade é fundamental para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. A participação da comunidade é essencial para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia. O processo de desenvolvimento urbano e social é um processo contínuo e dinâmico, que exige a participação ativa da comunidade em todas as etapas do processo. A participação da comunidade é fundamental para a realização de projetos de desenvolvimento urbano e social, pois é a partir dela que se pode garantir a sustentabilidade dos projetos e a sua eficácia.

Capítulo III

Conclusões

O Atelier onde desenvolvi o estágio tem uma estrutura relativamente pequena. Um arquitecto e assistente na faculdade de arquitectura, um finalista do curso de arquitectura (eu) e um estudante de arquitectura. Três pessoas diferentes, em fases evolutivas diferentes. O facto de não haver uma grande diferença etária entre todos e da nossa mútua ligação ao academismo, reflecte-se no ambiente de pesquisa e experimentação que se vive no Atelier.

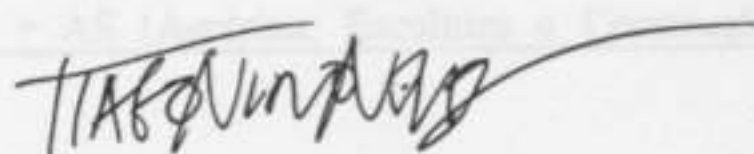
Nestes cinco meses que durou o meu estágio tive a oportunidade de percorrer a globalidade do processo de fazer Arquitectura, transpondo a esfera da “simples” concepção da obra e do seu processo criativo, para o universo de condicionantes técnicas, regulamentares e burocráticas que constituem a formalização e a concretização do desejo arquitectónico. Felizmente não foi um salto “mortal” entre duas situações muito distintas: a de pensar e conceber a arquitectura academicamente, sem a total consciência da realidade do processo arquitectónico, e a de simples executor de um processo já decidido por outros, com a ausência de participação na fase criativa, como sabemos que acontece em quase todos os inícios de carreira dos jovens arquitectos. Tive a sorte de me ter a amparar nesta fase a confiança, o interesse e a amizade do meu orientador de estágio, a quem desde já quero expressar todos os meus agradecimentos, que se preocupou de uma forma extraordinária em me fazer participar de todos os aspectos do dia-a-dia deste Atelier de arquitectura, desde o processo de idealização dos projectos até à fase de acompanhamento de obra, passando pelas várias fases de reuniões com os demais intervenientes no processo.

Estes cinco meses de Estágio (que acabaram por se prolongar num convite para continuar no Atelier, agora como “quase-Arquitecto”), constituíram um tempo de descoberta e de confrontação com a realidade importantíssimo para a minha formação como Arquitecto. Uma oportunidade para fazer frente a novos problemas, de naturezas diferentes dos problemas “académicos”, e para reflectir sobre eles em conjunto com a equipe que comigo os vivia no quotidiano. O facto de ser encarado como a finalização de um percurso académico contextualiza-o como um importante culminar de uma etapa, contribuindo decisivamente para que

essa mesma passagem seja feita de um modo não tão "brutal" e desapoiado como pode ser.

Penso que os objectivos que me tinha proposto atingir durante o período de Estágio foram totalmente satisfeitos, devido ao facto de ter encontrado no interesse e confiança do meu Orientador de Estágio eco ao meu próprio interesse e dedicação: Aprender o máximo sobre a vida profissional de um Atelier de Arquitectura e o desenvolvimento da minha formação como Arquitecto.

Lisboa, 25 de Maio de 1998



Bibliografia

DE SAINT- EXUPÉRY, Antoine - O Príncipezinho , Lisboa , Círculo de Leitores, 1987

FERNANDES, José Manuel - Arquitectura Portuguesa - temas actuais , Lisboa, Livros Cotovia, 1993, 106 p

GONÇALVES, Dr., Carlos César - Para a elaboração estruturação e apresentação de trabalhos escritos científicos e técnicos , Lisboa , COCITE , 1988 , 68 p

GRAÇA DIAS, Manuel - AS + AS (Aspirina, Escultura e Construção) , in Architecti nº 31, Lisboa (4 p)

KIPNIS, Jeffrey - Recent Koolhaas , in El Croquis nº 79 Madrid, 1996 (11 p)

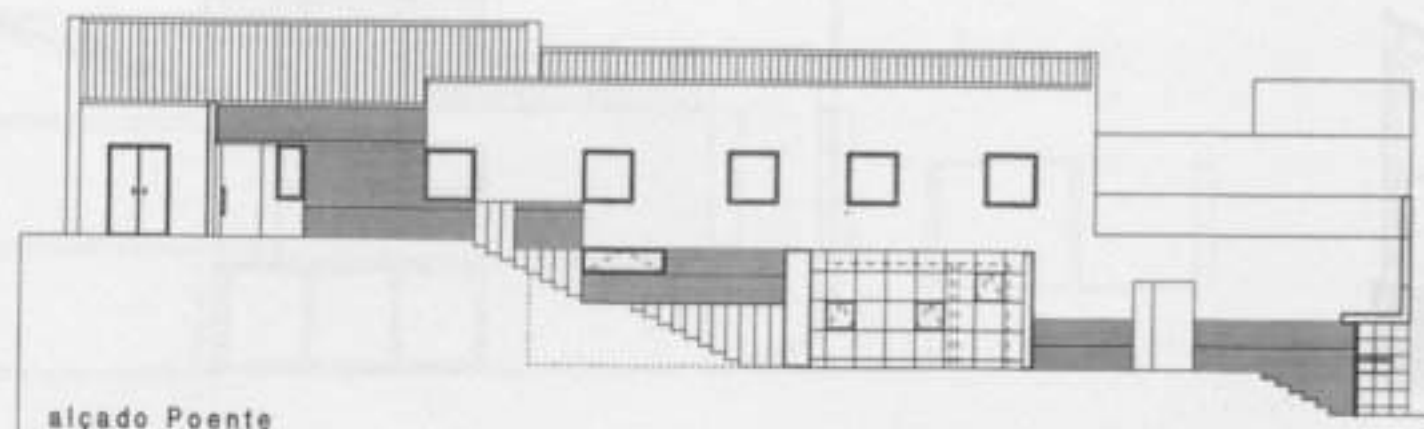
KOOLHAAS, Rem - Conversations with students , Rotterdam , 010 Publishers , 1995, 105 p

VAN TOORN, Roemer - Architecture Against Architecture , <http://www.ctheory.com/a51.html> , (12 p)

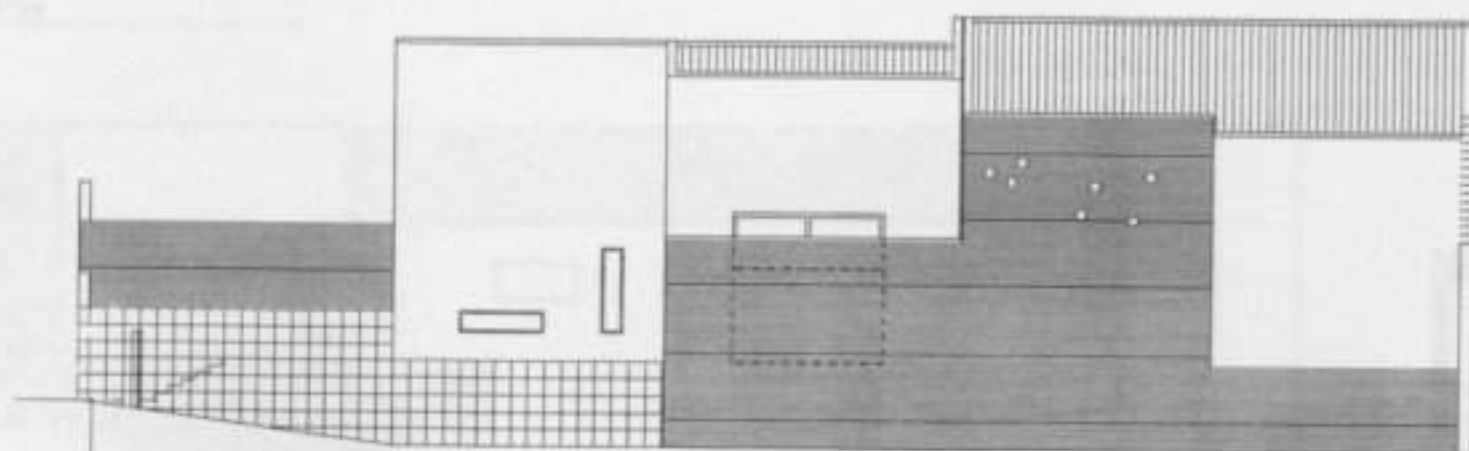
Apontamentos tirados nas aulas de Desenho Urbano I, do curso de Arquitectura, dadas pelo Prof. Dr. Tomás Taveira, de Março a Julho de 1995.



Architectural drawing showing four sections (1-1, 2-2, 3-3, 4-4) of a building. The drawing is a technical sketch, likely for a construction project. The sections are labeled 1-1, 2-2, 3-3, and 4-4. The drawing is a technical sketch, likely for a construction project.



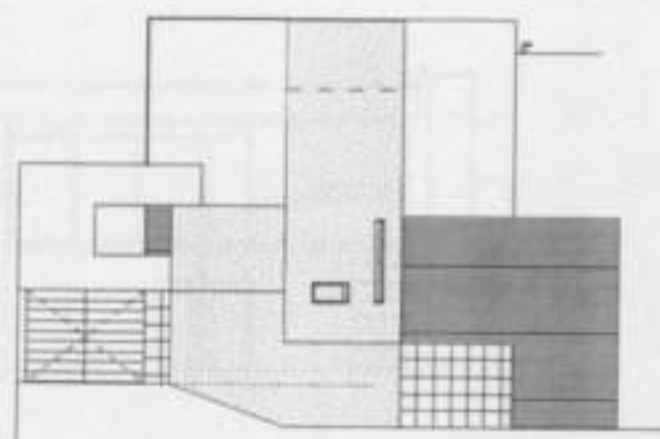
alçado Poente



alçado Nascente

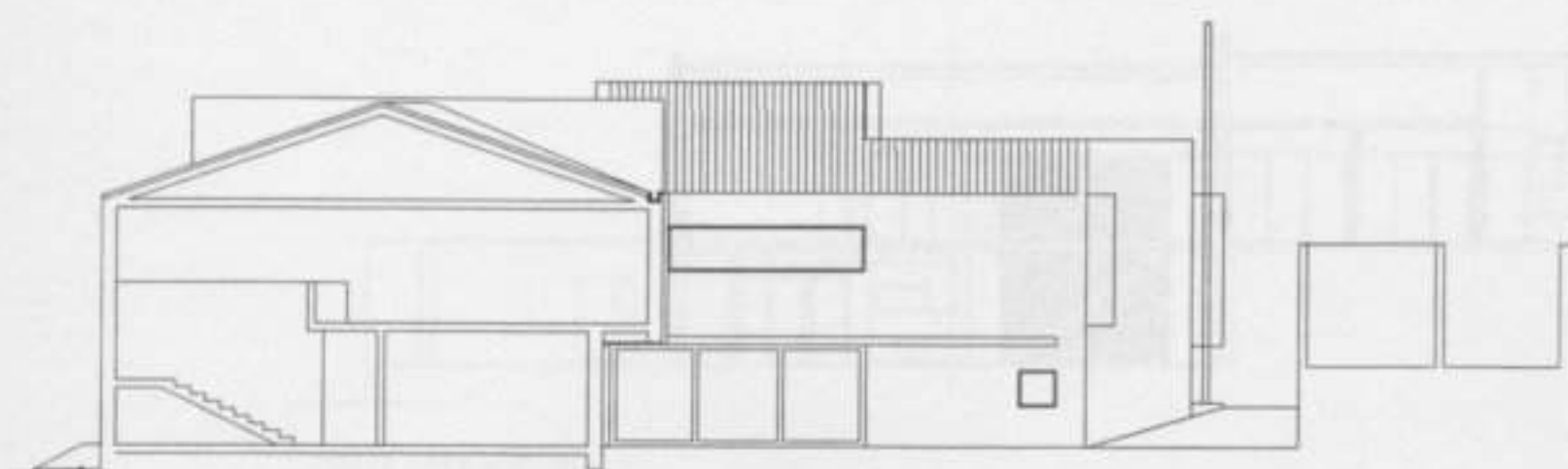


corte pela cozinha da moradia 1



alçado Sul

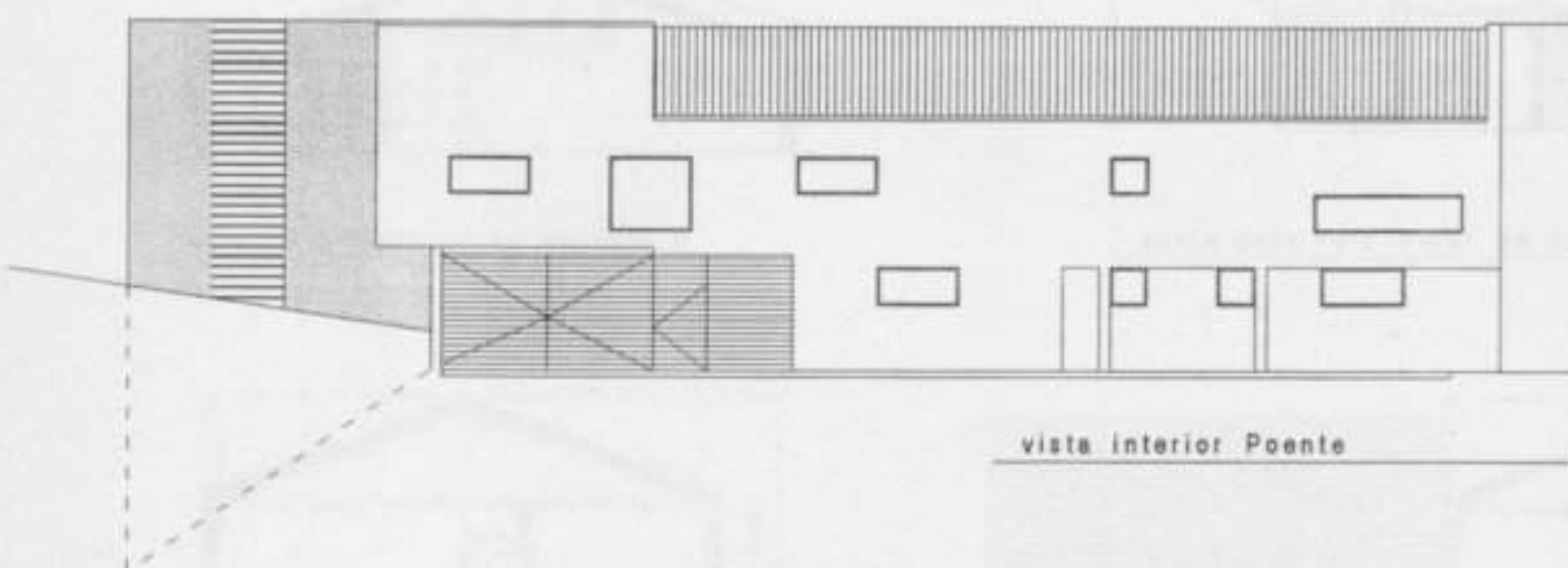
Estudo das moradias do Quartel da GNR em Caneças
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 15 20 m



vista interior Norte



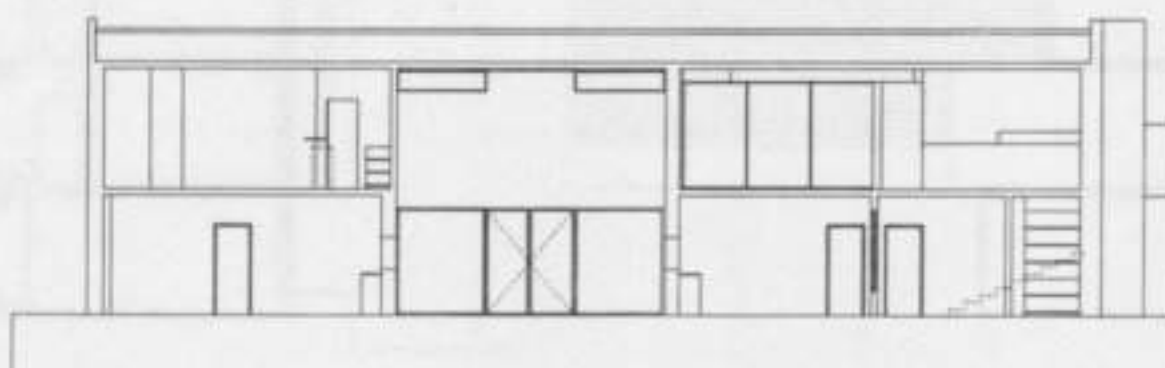
átio do quartel



vista interior Poente



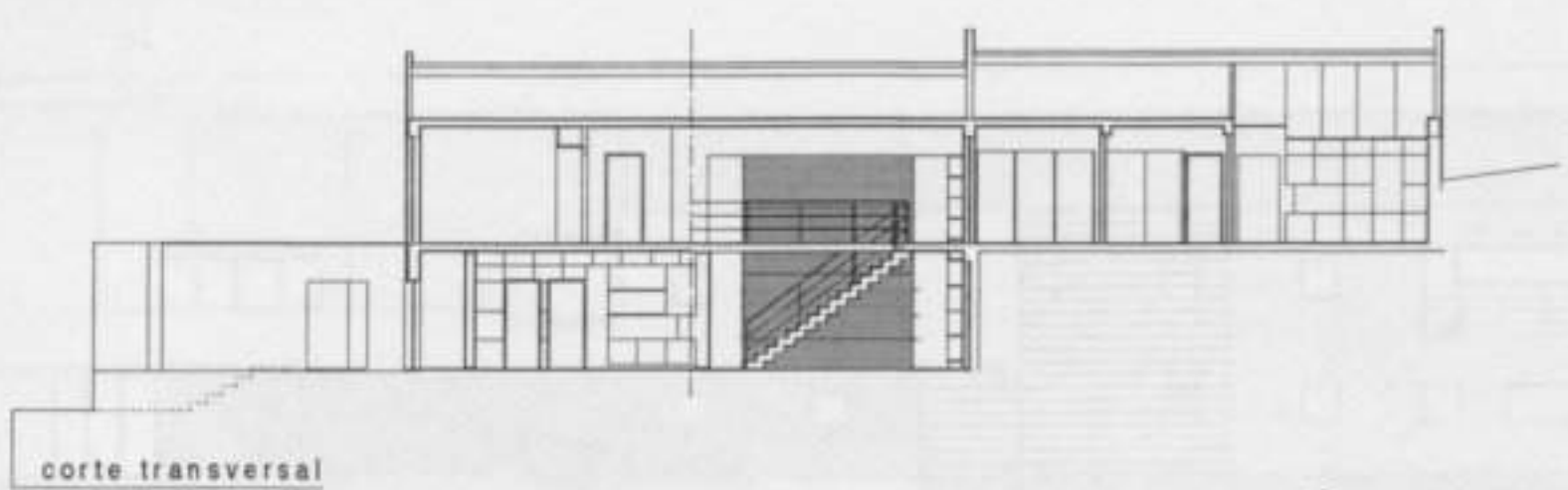
bar e plantão (quartel)



corte transversal pelo átrio

Estudo do Quartel da GNR em Caneças

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 15 20 m



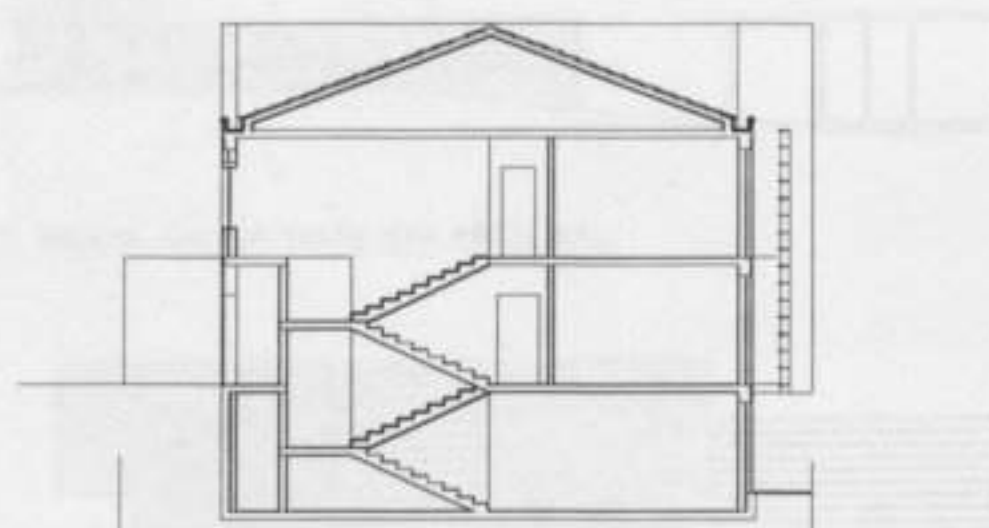
corte transversal



corte pelo corredor da moradia 2



corte pela sala estar da moradia 1

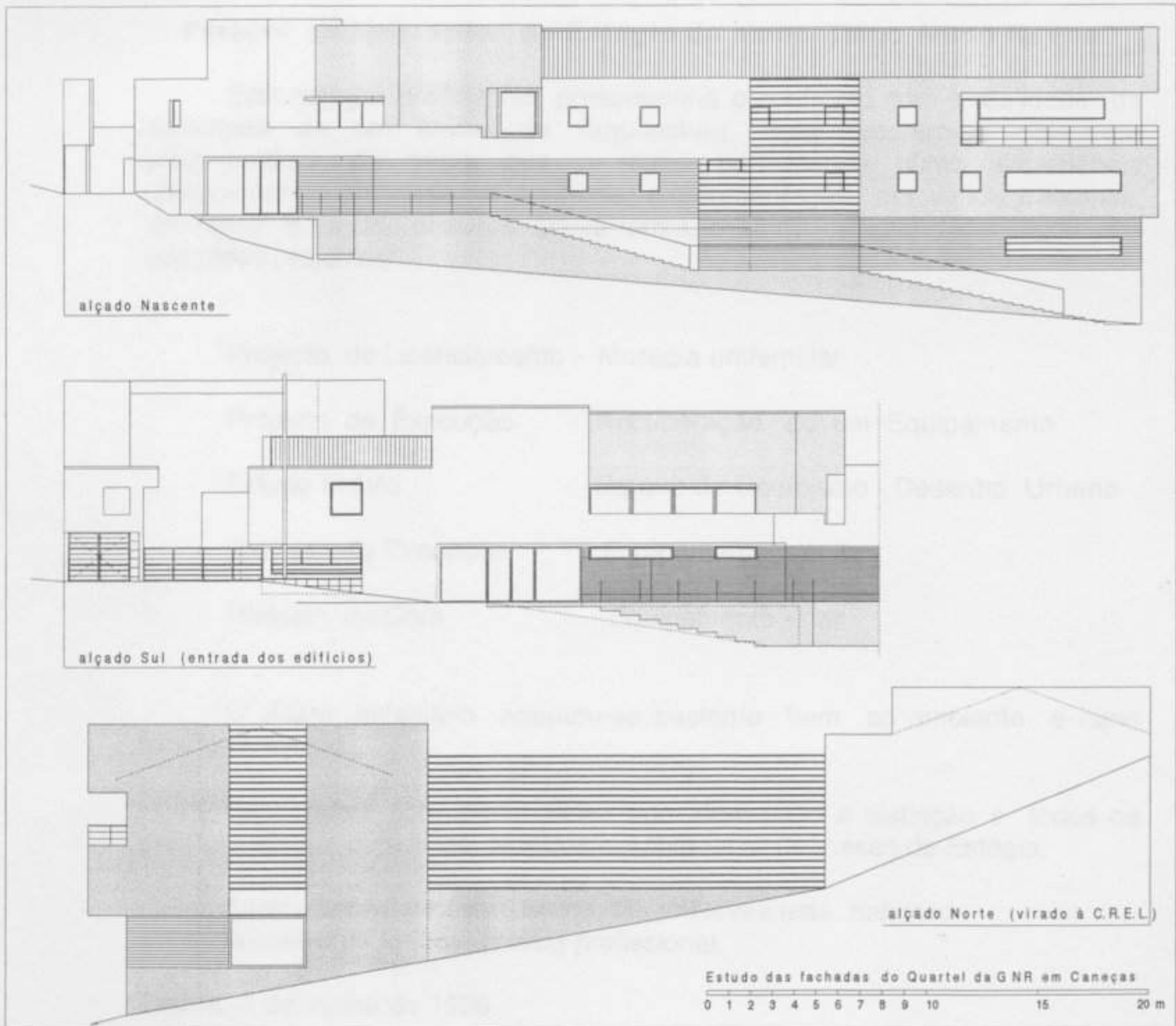


corte pelo vão da escadas do quartel



corte pela garagem do quartel

Estudo das moradias e do Quartel da GNR em Caneças
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 15 20 m





Parecer do Orientador de Estágio do aluno Tiago Nuno Neves

Este estágio profissional pressupunha o confronto com a realidade da actividade de um Atelier de Arquitectura. Estabeleceram-se objectivos programáticos de forma que o aluno participasse numa experiência profissional e ambiente de pesquisa, experimentação em vários trabalhos, em fases e temas distintos. Desta forma, o aluno estagiário participou nos seguintes projectos:

- Projecto de Licenciamento - Moradia unifamiliar
- Projecto de Execução - Recuperação de um Equipamento
- Estudo Prévio - Parque de Campismo - Desenho Urbano
- Projecto de Execução - Equipamento público
- Projecto de Obra - Equipamento - Lar

O aluno estagiário adaptou-se bastante bem ao ambiente e ritmo forte de trabalho.

Respondeu com maturidade, rigor dedicação e distinção a todos os pressupostos e objectivos exigidos durante os cinco meses de Estágio.

Assim, considero que o aluno, Tiago Neves está habilitado convenientemente à boa prática profissional.

Lisboa, 1 de Junho de 1998

Mel. Cump. Académicos


Pedro Dias P. Rodrigues
(arquitecto coordenador do estágio)

